

# PROPOSTA DE ESCALA EVOLUTIVA DOS REGIMES POLÍTICOS E PARAPOLÍTICOS

Luciano Melo

**RESUMO.** Este artigo apresenta a neoproposta de os regimes políticos e parapolíticos evoluírem de acordo com a média geral das consciências envolvidas na criação e sustentação deles. Apresenta também o quadro sinóptico de tais regimes com base na Escala Evolutiva das Consciências, e apresenta a ideia de que a conscienciocracia é possível quando a média das consciências de determinado grupo for a de tenepessista, e chegará ao ápice quando a média grupal for a de conscienciólogo. Finalmente, entende ser a comunidade intencional Cognópolis Foz local vital para a pesquisa e testagem de regimes não convencionais e com base no paradigma convencional.

**Palavras-chave:** Parapolitologia; Paratransitologia; Regimes Políticos e Parapolíticos; Conscienciocracia.

## INTRODUÇÃO

Ainda que a ordem liberal internacional tenha perdido força desde o início da terceira onda de autocratização iniciada no final dos anos 1990,<sup>1</sup> a democracia ainda é vista como o melhor regime político possível e desejável para países que fazem parte desse sistema. Entretanto, mesmo contendo elementos constitutivos valiosos, tais quais o de oferecer à população maior acesso à participação política para além de pequenos grupos e elites, não tem resolvido os mais graves problemas sociais e econômicos dos nossos tempos e tem auxiliado a colocar no poder líderes que não possuem qualquer respeito por instituições democráticas ou direitos humanos em vários lugares do mundo.

Há tempos a democracia vem sofrendo críticas pelo caráter representativo que de fato não representa a população e dá poder a políticos de carreira ávidos pela continuidade em cargos governamentais. Porém, mesmo se considerarmos a representatividade como sendo o problema (ou seja, não como o poder é distribuído, mas como é exercido), existem dezenas de exemplos onde a democracia direta trouxe resultados catastróficos, como o *Brexit* no Reino Unido ou quando

---

1 Lührmann e Lindberg (2018), do Instituto V-Dem, construíram um modelo utilizando o Índice de Democracia Eleitoral de 178 países em um período de 116 anos (1900 a 2016), totalizando 17.604 observações. Os resultados mostram, de fato, as duas ondas regressivas descritas por Samuel Huntington na obra clássica *A Terceira Onda: Democratização no Final do Século XX* de 1991, e revela claramente o desenvolvimento de uma terceira onda de autocratização a partir de 1999.

os Venezuelanos concederam a Hugo Chávez o poder de ser reeleito indefinidamente, independente do número de termos.

Esse debate não é, de modo algum, resultado do pensamento moderno. Platão (c. 427–347 a.e.c.) já era preocupado com a imaturidade dos votantes na Grécia antiga, e propôs que escolhas fossem confiadas a guardiões capazes de tomar decisões isentas. No século XIX, John Stuart Mill (1806–1873) sugeriu dar votos extras a cidadãos com graduações ou trabalhos com alta demanda intelectual (Crain 2016). Atualmente, dois cientistas políticos estadunidenses, David Estlund (2003) e Jason Brennan (2016) vem pesquisado a epistocracia, ou o governo pelos mais sábios. Tal modelo constituiria um conselho de epistocratas – profissionais com conhecimento em economia, política, educação, saúde pública, etc. – e terminaria com o acesso da maioria da população ao voto.

Independente de se essas ideias ajudarem ou não a dirimir a atual crise democrática, os modelos políticos são fruto de paradigmas materialistas e, ainda que existam medições considerando variáveis relativas ao bem-estar do ser humano (vide o índice de desenvolvimento humano – IDH), o foco principal de se ter um regime democrático é o de garantir estruturas materiais à maioria dos cidadãos de determinado Estado.

Essas estruturas, claro, são cruciais ao próprio ser humano, mas não são suficientes quando se olha a pessoa a partir de um paradigma menos restritivo. A pessoa em si, segundo a perspectiva Conscienciológica, não é um ser monodimensional, apenas material, onde questões socioeconômicas ou políticas são os únicos fatores que influenciam ou importam. O *paradigma consciencial*, pilar não-materialista central da ciência Conscienciologia, tem como premissa básica de que toda e qualquer consciência (a pessoa humana) evolui em múltiplas existências consecutivas e tem acesso a múltiplas dimensões através do desenvolvimento de capacidades que vão além dos cinco sentidos ou pela saída do corpo lúcido através de corpos mais sutis, porém objetivos. Mais importante, considera que essa evolução se dá principalmente pela automelhoria constante em termos cosmoéticos<sup>2</sup>, universalistas e maxifraternos e pela realização de programação existencial organizada antes de renascer, onde tarefas assistenciais condizentes às tendências da própria consciência, associadas a outras programações em grupos afins, foram desenhadas tendo por finalidade última a renovação do próprio planeta onde vive.

Todos estes pilares são possíveis de serem comprovados. A Conscienciologia é uma ciência autoexperimental. Quando a pessoa tem, por exemplo, uma saída do próprio corpo lúcido, onde mantém o raciocínio lógico e a tomada de decisão, percebe imediatamente que o corpo físico é apenas outro veículo utilizado

2 A cosmoética é a reflexão sobre a ética ou moral cósmica, multidimensional, além da moral social intrafísica.

para se expressar na dimensão física. Percebe, portanto, que tem mais de um corpo e que pode se manifestar em mais de uma dimensão de modo objetivo. Ainda, pode encontrar pessoas que estão no período entre duas vidas, familiares e amigos que já descartaram o corpo físico, percebendo que a morte, em si, não existe. Mais importante, pode entrar em contato com quem é de fato e quais objetivos existenciais possui, visto que não se encontra mais restringida pelo cérebro físico.

Nesse sentido, torna-se imperativo compreender possíveis modelos políticos decorrentes desse *framework* e mais condizentes ao macro-objetivo evolutivo. Os atuais regimes, mesmo os democráticos mais avançados quando não perpetuam no poder pequenos grupos, ainda focam em aspectos econômicos e/ou bélicos. A Noruega, por exemplo, apesar de estar quase sempre nas primeiras posições da grande maioria dos *rankings* sociais e políticos, incluindo número 1 no *ranking* de democracia da *The Economist* em 2020,<sup>3</sup> é um dos 20 maiores exportadores de armas do mundo<sup>4</sup>. Ou seja, existe no mundo uma crise em termos de coerência com princípios éticos.

Sendo a evolução da consciência o foco principal do paradigma que fundamenta a Conscienciologia, não existem regimes políticos convencionais que garantam espaços sociais propícios à realização de programações existenciais. A não realização do que foi programado antes do renascimento pode trazer multiplicidade de consequências negativas. Em âmbito menor, pode levar a pessoa ao chamado vazio existencial, onde a consciência entra em melancolia por não ter acesso ou não conseguir realizar algo que é fundamental para ela mesma. Mas, mais do que isso, a não realização dessas tarefas assistenciais acaba tendo impactos que vão muito além do ego, visto que a programação de uma pessoa está conectada à programação de várias outras, atrasando a evolução de grupos e por fim do Planeta como um todo.

Este artigo foca, portanto, em possíveis modelos que garantam uma distribuição e exercício de poder capazes de construir ambientes pró-evolutivos, cosmoéticos e assistenciais. Não somente apresenta os regimes em si, como também explora seus elementos constitutivos básicos, quais semelhanças e diferenças existem em relação aos regimes convencionais e quais derivações lógicas são decorrentes dessa neoperspectiva.

Em termos de metodologia, este artigo é uma neoproposta que tem por objetivo criar uma agenda entre pesquisadores dessa especialidade a respeito da existência de regimes parapolíticos e a evolução de regimes políticos baseados no simples fato de que as consciências evoluem. Nesse sentido, não houve a preten-

3 The Economist Intelligence Unit; *The state of democracy around the world*; <https://www.eiu.com/n/campaigns/democracy-index-2020/>

4 The Nordic Page; *Arm Export Increases, Keeping Norway in Top 20 Arms Exporter List*; <https://www.tnp.no/norway/panorama/5498-arm-export-increases-keeping-norway-in-top-20-arms-exporter-list>

são de realizar varredura bibliográfica abrangente e fontes específicas são citadas quando necessárias. Mais importante, é uma extrapolação a partir da observação e vivência, tanto durante década e meia dedicada às pesquisas acadêmicas dentro das Relações Internacionais e Política Comparada (especialmente no período extenso de pesquisa de campo em vários países do mundo, a saber Rússia, Venezuela e Estados Unidos), e nas mais de três décadas de pesquisas e autopesquisas dentro da ciência Conscienciologia.

## 1. NÍVEIS EVOLUTIVOS E REGIMES POLÍTICOS

Tanto a Conscienciologia quanto a área de estudos de regimes políticos e direitos humanos são fundamentalmente normativos, ou seja, há a noção clara daquilo que é o ideal a ser atingido. No caso de regimes políticos, existem escalas que vão desde o regime totalitário, aos moldes do imposto pelo Estado Islâmico ou do encontrado na Coréia do Norte, até o regime democrático avançado, encontrado atualmente em países nórdicos. Na Conscienciologia, um dos principais *continuums* é a *Escala Evolutiva das Consciências*<sup>5</sup> (EEC). Se a consciência evolui, uma das decorrências lógicas é que as pessoas não estão no mesmo nível evolutivo. E isso afeta diretamente a criação e sustentação de regimes políticos.

**Tabela 1.** Escala Evolutiva das Consciências (EEC)

Nº	PATAMAR EVOLUTIVO	PERCENTUAL EM RELAÇÃO AO Hss	HOMINOLOGIA
01.	Consréu Transmigrada	10% do Serenão	<i>Homo transmigratus</i>
02.	Consréu Ressormada	20% do Serenão	<i>Homo sapiens reurbanisatus</i>
03.	Pré-Serenão Vulgar	25% do Serenão	<i>Homosapiens preserenissimus</i>
04.	Isca Inconsciente	25% do Serenão	<i>Homo sapiens assimilatus</i>
05.	Tenepessista	25% do Serenão	<i>Homo sapiens tenepessista</i>
06.	Projedor Consciente	30% do Serenão	<i>Homo sapiens projector</i>
07.	Epicon Lúcido	35% do Serenão	<i>Homo sapiens epicentricus</i>
08.	Conscienciólogo	40% do Serenão	<i>Homosapiens conscienciologus</i>
09.	Desperto	50% do Serenão	<i>Homo sapiens despertus</i>
10.	Semiconsciex	60% do Serenão	<i>Homosapiens semiextraphysicus</i>
11.	Teleguiado Autocrítico	65% do Serenão	<i>Homo sapiens teleguiatus</i>
12.	Evoluciólogo	75% do Serenão	<i>Homo sapiens evolutiologus</i>
13.	Serenão	100% (modelo)	<i>Homo sapiens serenissimus</i>
14.	Consciex Livre (CL)	Infinito Evolutivo	<i>Conscientia liber</i>

**Fonte:** Vieira, 2003.

5 A escala evolutiva das consciências foi proposta primeiramente por Waldo Vieira na obra *Projeciologia* em 1986, e ampliada em 2003 no tratado *Homo sapiens reurbanisatus*.

A EEC tem como modelo evolutivo o chamado *Homo sapiens serenissimus* (*Hss*), também conhecido como Serenão<sup>6</sup>, a consciência mais evoluída ainda a renascer neste Planeta. O *Hss* seria a consciência que já chegou ao pináculo evolutivo, expressando ao máximo os atributos que fazem parte do pilar filosófico da Conscienciologia – cosmoética, universalismo e maxifraternidade – e apresentando capacidades que vão além da materialidade ou do mediano, tais quais parapsiquismo avançado, visão de conjunto abrangente e condição de assistir grandes grupos por atacado. O *Hss* seria, portanto, o benfeitor mor neste Planeta.

Nesse contexto, a medição do nível evolutivo de qualquer consciência ocorre por contraste, levando-se em conta as características atribuídas ao *Hss*. Dentro desse estudo, a consciência humana menos evoluída ainda a habitar o Planeta recebe a nomenclatura de *Homo sapiens reurbanisatus*, ou de consréu ressomada. Esse tipo de consciência foi descrito na obra de mesmo nome, onde Vieira traz evidências de sua existência através de mais de sete mil notícias coletadas em periódicos do mundo inteiro. Pode-se dizer que uma das características marcantes da consréu ressomada é a ausência ainda de código pessoal de moralidade e ética (amoralidade), levando-a a cometer atos contrários ao bem-comum e centrados no ego.

Em termos de média evolutiva planetária, a hipótese mais aceita hoje entre pesquisadores da Conscienciologia é de que se encontre por volta dos 25%, ou relativo ao chamado pré-Serenão vulgar. O pré-Serenão vulgar é o ser humano comum, ainda inconsciente da multidimensionalidade, mas já possuindo código de moralidade básico. Em termos planetários, é possível de se perceber a existência de princípios éticos sendo aplicados em nível global, mas por outro lado, é bastante clara ainda a centralidade do paradigma materialista e o grande nível de desequilíbrio. O fato de uma entre três pessoas viver em local não-democrático hoje,<sup>7</sup> o consumismo implacável e a destruição do próprio planeta são provas inarredáveis disso.

6 A *Teoria dos Serenões* foi apresentada oficialmente por Vieira em 1970 e fundamenta a hipótese da existência dos Serenões através de dois argumentos: (1) Se abaixo de nós, seres humanos, há uma série de animais subumanos, sem autoconsciência, instintivos, de menor patamar evolutivo, com os quais convivemos há milhões de anos, por que não haveria outras consciências de nível mais avançado? (2) Se existem supercriminosos que atuam anônimos, planejando e agindo para promover o mal a outros seres, por quais motivos não pode haver seres humanos superdotados do ponto de vista assistencial, atuando de modo anônimo, ajudando milhares de pessoas por meio de seu amplo domínio bioenergético fraterno? Ver Machado, César de Souza; Serenões: Consciências Superevoluídas; <http://www.metaconsciencia.com/>

7 Segundo o V-Dem (2018), pelo menos 1 em cada 3 pessoas no mundo (aproximadamente 2,5 bilhões de pessoas em 7,6 bilhões) não vivem sob um regime democrático. Se a avaliação da Freedom House (2019) sobre a liberdade no mundo for usada, apenas 39% da população global vive sob um regime livre pleno; mais de 4 bilhões (4,39 bilhões) de pessoas vivem em países parcialmente livres ou não livres. O Economist Intelligence Unit's Democracy Index (2019) constatou que 45% dos países têm democracias plenas ou defeituosas, e 55% possuem regimes híbridos ou autoritários. Finalmente, Polity (2018) classificou 57% dos países (com populações de pelo menos 500.000) como democracias de algum tipo, 13% como autocracias completas e 28% como democracias e autocracias.

A compreensão dessa escala é fundamental para este estudo devido ao fato de a abordagem conscienciocêntrica partir do princípio de que tudo é fruto da consciência. Isso significa, por exemplo, que toda e qualquer expressão da consciência, aquilo que ela pensa, sente, faz ou sustenta, é intrinsecamente dependente do nível evolutivo em que se encontra. Nesse sentido, regimes e sistemas políticos são atrelados a essa premissa, sendo derivações do nível evolutivo de consciências, seja em um bairro, cidade, estado, país ou conglomerado de nações. Nações, Estados, governos e regimes não nascem através de geração espontânea, mas dependem de grande número de consciências para serem criados, implementados e mantidos. A EEC, nesse sentido, difere de outras escalas, como a da evolução biológica, por exemplo, no sentido de que foca em atributos conscienciais não somente físicos nem somente aplicáveis à dimensão material, cujo desenvolvimento se dá ao longo de múltiplas existências.

A aplicação do modelo conscienciocêntrico muda radicalmente o entendimento de regimes e processos de autocratização ou democratização. Se tudo é decorrência de consciências e seus níveis evolutivos, os regimes são autocráticos, democráticos, ou totalitários devido ao padrão das consciências que formaram e sustentam aquele sistema político. Essas devem essencialmente possuir traços autocráticos, democráticos ou totalitários, respectivamente. Seria improvável encontrar, por exemplo, um agrupamento de ditadores possuindo códigos elevados de moral e conduta e gerando regimes avançados, éticos, democráticos e com base em direitos humanos. Consciências com elevado grau de traços ditatoriais tendem a criar ditaduras. O contrário também é válido. Não seria possível a geração de sistemas atrasados e anticosmoéticos resultantes de um grupo de *Homines sapiens serenissimi*, a consciência entendida pela Conscienciologia como o ápice evolutivo deste ciclo.

Nesse sentido, o nível evolutivo das consciências agrupadas em determinada localidade tem de contar para a formação de regimes políticos mais ou menos avançados, ou nos termos desde artigos, mais ou menos evoluídos.

Essa hipótese conduz, entretanto, pelo menos a duas questões difíceis de serem respondidas, mas até certo ponto possíveis de serem igualmente hipotetizadas:

*1. O que realmente conta no estabelecimento de regimes políticos mais ou menos evoluídos: o nível evolutivo médio de todos os constituintes de determinado Estado, nação, comunidade, ou somente a média do nível evolutivo das lideranças?*

*2. No caso de ter havido votação para a escolha dos líderes políticos, os vencedores refletem o nível evolutivo médio da população? Ou seja, é verdade que “cada povo tem o líder que merece”?*

Caso a hipótese a ser considerada for de que o nível evolutivo médio da população em geral conta para a instituição de regimes mais ou menos avançados (e não somente a média do patamar no qual se encontram as lideranças), tal asunção não seria problemática em ambientes democráticos. Contudo, em regimes autocráticos, seria o mesmo que dizer que o nível evolutivo médio de milhões de pessoas (mais de 1 bilhão no caso da China), é próximo ou ainda próprio de patamar evolutivo bastante baixo. Mais ainda, no caso de países com líderes psicopáticos como no caso da Coreia do Norte, seria dizer que a população possui nível evolutivo ainda pior do que o exemplo supracitado. Portanto, parte do objetivo dessa proposta é encontrar modos para diferenciar quem tem mais e menos responsabilidade.

## 2. LITERATURA POLÍTICA E CONSCIENCIOLÓGICA

A grande maioria de regimes democráticos no mundo possuem democracias representativas, onde a participação política da população ocorre esporadicamente e mais fortemente em época de eleições, e representantes atuam teoricamente em prol das pessoas que os colocaram no poder. Ainda assim, há diferentes grupos sociais que afetam mais ou menos os rumos políticos, especialmente dois: as elites – aqueles que exercem maior influência em termos econômicos, sociais, culturais ou políticos – e a sociedade civil, usualmente organizada através de organizações não-governamentais e movimentos sociais.

Seymour Martin Lipset, conhecido cientista social, ao falar sobre os requisitos sociais para a democracia nos anos 1950, por exemplo, declarou que “os conflitos entre diferentes elites são o sangue vital do sistema” (1959). Em estudos clássicos de democratização O’Donnell e Schmitter (1981) e Przeworski (1986) articularam que um regime autoritário pode entrar na fase de liberalização quando existem rivalidades políticas entre elites com perspectivas diferentes. Stepan (1988) enfatizou que fissuras dentro de outro grupo de elites – as forças armadas – seriam essenciais para uma possível democratização.

Em termos de sociedade civil, na área internacional, ONGs tornaram-se fundamentais na observação de eleições em países menos democráticos e quanto à não-violação de direitos humanos (Simmons 2009; Hyde 2011; Kelley 2012). Na área doméstica, existem as pesquisas clássicas de Putnam (1993; 2015) sobre a importância de associações civis para a manutenção da democracia, mas também como a sociedade civil foi fundamental para que o Nazismo tomasse o poder na Alemanha (Berman 1997). Na área de movimentos sociais, Nepstad (2011), por exemplo, comparou várias revoluções iniciadas pela população e descobriu que o sucesso dependia muito de fissuras militares e pressão de atores internacionais.

No entanto, a variável imperativa seria a sociedade civil, somente quando esta não possuía liderança interna dividida e quando mantinha uma disciplina não violenta.

Essas discussões são relevantes para o entendimento mais profundo de quem realmente detém o poder na construção e continuidade de regimes políticos. Porém, dentro da vasta literatura da ciência política, para esta pesquisa, se destaca o estudo de Bruce Bueno de Mesquita e Alastair Smith (2011). Os pesquisadores afirmam que a noção de que pessoas governam sozinhas é nada menos que farsística, pois nem mesmo o maior ditador ou líder totalitário tem força para se manter no poder por grandes períodos de tempo sem o suporte de vários grupos. O que existe são pelo menos 3 agrupamentos de pessoas (ou selecionados, aqueles com poder de *seleção*) que possuem menor ou maior influência na escolha e manutenção do líder e no estabelecimento e manutenção de regimes políticos por determinado tempo.

1. **Seleitorado Nominal:** são todos os cidadãos legalmente capazes de votar e que no final das contas possuem pouco poder em termos de governabilidade, visto que o sistema é representativo e não através de democracia direta. Nesse caso, os membros do seleitorado nominal são considerados *intercambiáveis*, ou seja, podem ser trocados ou permutados por outras pessoas e não gerará grande diferença em resultado.

2. **Seleitorado Real:** este é o grupo que realmente escolhe os candidatos e líderes. Na Grã-Bretanha, são os membros votantes do parlamento do partido majoritário; na Arábia Saudita, são os membros da família real; na China, são os membros com poder de voto do Partido Comunista. Nesse caso, os membros do seleitorado real são considerados *influentes*, capazes de influenciar a escolha de líderes.

3. **Coalizão Vitoriosa:** o mais importante dos 3 grupos, conhecidos como *essenciais*, é o grupamento que mantém o líder no poder, controlam a política, e possuem força necessária para derrubar o regime. No caso de ditaduras, podem ser pequenos grupos formados por membros das forças armadas (a exemplo da derrubada de Hosni Mubarak no Egito em 2011), membros da corte, ou ainda da classe religiosa (caso do Irã, onde os Mulás comandam a presidência).

Em países como a Coreia do Norte, a coalizão vitoriosa é formada no máximo de 200 pessoas que suportam a família Kim (Byman, Daniel e Lind 2010); no caso da Rússia, é o pequeno grupo de tecnocratas e oligarcas que apoiam e usufruem do poder juntamente com a pirâmide de poder construída por Vladimir Putin (Dawisha 2014). Já em cenários democráticos, a coalizão vitoriosa é composta de um vasto número de pessoas, como é de se esperar. Nos Estados Unidos, por exemplo, tal grupo é formado por votantes distribuídos em estados, cujo suporte ao candidato traduz-se na vitória no colegiado eleitoral. Esse grupo é uma grande fração do seleitorado nominal, mas não chega nem perto da maioria



da população estadunidense, podendo controlar o legislativo e judiciário com 1/5 dos votos.

Como resultado, segundo Mesquita e Smith, governos e regimes diferem de acordo com as dimensões de seletorados e coalizões vitoriosas, limitando ou liberando a ação de líderes. Portanto, ditaduras (sejam civis, monarquias absolutistas ou juntas militares) são governos baseados em número particularmente pequeno de essenciais, igualmente pequeno grupo de influentes, e seletorado nominal que não tem qualquer poder, pois não possui sequer o direito de votar ou somente participa de eleições fraudulentas. Por outro lado, democracias significam grande número de essenciais e número ainda maior de intercambiáveis, com largo número de influentes.

Apesar de a teoria de seletorados e coalizões vitoriosas ter sido proposta mais para explicar como se dá a manutenção de líderes no poder, o modelo é extremamente útil para auxiliar na construção de respostas mais justas referentes às duas perguntas-chave colocadas anteriormente.

Fica claro que em ditaduras, quem conta para o estabelecimento e manutenção de regimes são muito mais os líderes e não tanto a população como um todo, ou seja, muito mais o seletorado real e a coalização vencedora. Os cidadãos em geral não possuem real influência, apenas sofrendo a consequência de pequenos grupos ávidos por poder e riquezas.

Em democracias, pode-se também dizer que nem toda a população é responsável pelo estabelecimento e manutenção de regimes e líderes, mas os seletorados nominais e reais e a coalizão vitoriosa. Sem dúvida é um grupo imensamente maior do que em ditaduras, mas dificilmente irá compor a totalidade da população de um país, visto que existem limites de idade para votar. Ainda, deve-se levar em consideração que o seletorado nominal possui muito menor influência que os demais grupos.

Na Conscienciologia, pode-se utilizar raciocínio semelhante quando se pensa quem são a coalizão vitoriosa e os seletorados e o modo de distribuir responsabilidade pela criação e sustentação de regimes mais evolutivos a todos. Algo que será explorado mais adiante no artigo.

Porém, qualquer tentativa de se construir pontes entre o conhecimento acadêmico e conscienciológico, ou a aplicação deste paradigma em fenômenos políticos, sociais ou econômicos, especialmente quando se trata de países ou do sistema internacional é extremamente complexo e este entendimento ainda está em fase inicial. Existem dezenas de especialidades que podem ser aplicadas e centenas de variáveis que consideram uma diversidade de elementos multidimensionais e não-físicos, especialmente a Holocarmologia, a especialidade que estuda as relações cármicas pessoais e interpessoais. Portanto, o objetivo principal deste artigo é o de apresentar uma primeira proposta a fim de gerar debate que pode auxiliar no desenvolvimento desta área de modo mais abrangente.

Como já foi comentado anteriormente, levando em consideração a especialidade da Pensenologia<sup>8</sup>, torna-se evidente que qualquer fato, parafato, tangente ou concreto, diáfano ou intangível, é fruto ou derivação, até que se prove o contrário, do pensene de uma ou mais consciências. Nesse contexto, de acordo com a Evoluciologia, os produtos conscienciais são mais ou menos evoluídos dependendo do nível evolutivo da consciência ou das consciências que o produziram.

Portanto, regimes políticos ou parapolíticos – aqueles que consideram elementos multidimensionais e teoricamente são mais avançados que os conhecidos hoje – são, em primeiro lugar, produtos pensênicos estabelecidos por grupos a fim de sistematizar e organizar a vida social ou parassocial. A qualidade destes pensenes depende do nível evolutivo da consciência ou consciências que os produziram. Nesse sentido, regimes políticos e parapolíticos podem ser classificados ou ordenados de menos evoluídos até mais evoluídos. Tal ordenação é puramente normativa, como já foi comentado anteriormente.

Como um dos propósitos desse artigo é também o de tentar compreender quem tem mais ou menos responsabilidade na formação e sustentação de regimes ao longo dessa escala, é importante levar em consideração preceitos da Holocarmologia, a especialidade supracitada, e da Seriexologia, a ciência que estuda as vidas sucessivas das consciências.

A Holocarmologia entende que uma das leis universais se refere ao mecanismo de ação e reação. Nesse contexto, ações mais cosmoéticas tendem a receber de volta reações mais cosmoéticas, ampliando o livre arbítrio e a recomposição entre as pessoas. Ao contrário, ações menos cosmoéticas terão reações menos cosmoéticas, amplificando o determinismo e as interprisões entre as pessoas. É importante ressaltar que essa lei não pune ou recompensa ninguém, apenas se baseia em mecanismo reativo, em função da pensenidade e seu efeito de afinização.

O pilar fundamental da Seriexologia é o de que as consciências, de modo geral, passam por um processo contínuo de renascimentos, descartes do corpo biológico e períodos entre vidas. Esse processo, que propicia diferentes contextos de aprendizado e desafios, tem por objetivo a qualificação da consciência até esta atingir patamar evolutivo mais avançado.

É possível de se inferir, portanto, que as vidas sucessivas estão intimamente conectadas ao holocarma, servindo para que as consciências possam resolver pendências com diversos grupos como também oferecendo a oportunidade para que se unam com afins com o intuito de realizar tarefas cosmoéticas muitas vezes planejadas antes de renascer. Nesse sentido, pesquisas conscienciológicas vem demonstrando que ninguém nasce por acaso em uma família ou mesmo em um país. As ligações de afeto e desafeição pesam nas organizações grupais.

---

8 A Pensenologia é uma das especialidades da Conscienciologia que estuda os pensenes (vocábulo criado a partir de três palavras: *pensamentos*, *sentimentos* e *energias*). Considera que o pensene é uma unidade básica de manifestação integrada e integral da consciência em qualquer dimensão e representa a união indissociável do pensamento ou idéia, do sentimento ou emoção e da energia, atitude ou ação, sempre onipresentes.

**Tabela 2.** Escala Evolutiva das Consciências (EEC) com Sub-Escalas.

Nº	PATAMAR EVOLUTIVO	PERCENTUAL de?
01.	Consréu Transmigrada	10% a <20%
02.	Consréu Ressomada	20% a <25%
03.	Pré-Serenão Vulgar / Isca Inconsciente	25%
04.	Tenepessista	25.1% a <30%
05.	Projeter Consciente	30% a <35%
06.	Epicon Lúcido	35% a <40%
07.	Conscienciólogo	40% a <50%
08.	Desperto	50% a <60%
09.	Semiconsciex	60% a <70%
10.	Teleguiado Autocrítico	65% a <75%
11.	Evoluciólogo	75% a <90%
12.	Serenão	90% a <100%
13.	Pré-Consciex Livre	100%

**Fonte:** tabela construída pelo próprio autor a partir da EEC.

A proposta de regimes políticos e parapolíticos segue a escala evolutiva apresentada por Vieira em 2003, mas reorganizada aqui de modo a evidenciar mais claramente os intervalos de cada patamar. Seguindo a tabela acima, uma pessoa que possui, por exemplo, 50% da consciencialidade de um *Homo sapiens serenissimus*, está apenas iniciando o patamar chamado de “desperto”, podendo de fato considerar ter atingido a desperticidade (total) quando chegar próximo ao percentual de 60%. Ainda, foi incluído um intervalo para o patamar evolutivo de *Hss*, visto existirem *Hss* “júnior” e “sênior”.

### 3. REGIMES POLÍTICOS E PARAPOLÍTICOS A PARTIR DA ESCALA EVOLUTIVA DAS CONSCIÊNCIAS

Quando se propõe atribuir os regimes políticos convencionais atuais e novos regimes parapolíticos a partir dos patamares evolutivos da EEC, pode-se ver que, de modo geral, existem ao todo cinco grupos com oito tipos de regimes. Tirando a anomia, que é justamente a ausência de qualquer sistema político, o primeiro grupo é formado por regimes não-democráticos regressivos – o totalitarismo, a autocracia/ditadura e o regime híbrido/pseudodemocracia, relacionados aos patamares evolutivos de consréu transmigrável a consréu rressomada (20% a >22.5% do *Hss*).

O segundo grupo é formado pelos regimes democráticos, indo da transição para a democracia (período de democratização), passando pela democracia intermediária, até chegar na avançada. Estes três regimes têm relação com os níveis evolutivos de consréu rressomada e pré-serenão vulgar/isca inconsciente ou dos 22.5 aos 25% da EEC.

**Tabela 3. Escala Evolutiva dos Regimes Políticos e Parapolíticos Fundamentado na Escala Evolutiva das Consciências.**

Nº	Regime	Média do nível evolutivo das consciências	Classificação geral	Tipos de sistema	Sinónimos	Percentual em relação ao serenão
01	Anomia	Consréu Transmigrável	N/A	Anômico	Terra sem lei Estado Falido	< 20%
02	Totalitarismo	Consréu Transmigrável e Consréu Ressormada	Político Atrasado	Totalitário	Estado de Terror Estado de Polícia Estado Gendarme	< 20% a 20%
03	Autocracia	Consréu Ressormada	Político Atrasado	Personalistas Partido Único Militares Monarquistas Híbridas: Personalista e Partido Único Personalista e Militar Partido Único e Militar Tripla Ameaça	Autoritarismo Ditadura Teocracia Comunismo Soviético Estado Fundamentalista Militocracia Belicocracia Oligarquia	20%
04	Regime Híbrido <sup>9</sup> / Pseudodemocracia	Mais Consréu Ressormada e menos Pré-serenão Vulgar	Político Atrasado	Pseudodemocrático	Autoritarismo Eleitoral Pseudodemocracia	20% a < 22,5%
05	Democracia Inicial	Mais Pré-Serenão Vulgar e menos Consréu Ressormada	Político Inter- mediário	Democrático Eleitoral	Estado em Transição para a Democracia	22,5% a < 25%
06	Democracia Intermediária	Pré-Serenão Vulgar e Isca Inconsciente	Político Intermediário	Monarquia Parlamentarista República Presidencialista República Parlamentarista República Mista República Tripartite	Democracia Indireta Estado Democrático Indireto	25%
07	Democracia Avançada	Pré-Serenão Vulgar e Isca Inconsciente	Político Avançado	Democrático Direto	Estado Democrático Estado de Direito Democracia Pura	25%
08	Conscienciocracia Inicial	Tenepessista	Parapolítico Inicial	Colegiado dos Tenepessistas	Tenepessocracia	25,1% a < 30%
09	Conscienciocracia Elementar	Projetor Consciente	Parapolítico Inicial	Colegiado dos Projetores Conscientes	Projeciocracia	30% a < 35%
10	Conscienciocracia Intermediária	Epicon Lúcido	Parapolítico Intermediário	Colegiado dos Epicons Lúcidos	Epicentrocracia Ofioxocracia Parapsicocracia Interassistenciocracia	35% a < 40%
11	Conscienciocracia Estabelecida	Conscienciólogo	Parapolítico Intermediário	Colegiado dos Conscienciólogos	Maxiproexocracia Consciencioentrocracia Socialismo Cosmoético Comunismo Cosmoético Grupocarmocracia	40% a < 50%
12	Lucidocracia Inicial	Desperto	Parapolítico Avançado	Colegiado dos Despertos	Despertocracia Era dos seres despertos Estado das Consciências Lúcidas	50% a < 60%
13	Lucidocracia Intermediária	Semiconsciex	Parapolítico Avançado	Colegiado das Semiconsciexes	Semiconsciexocracia	60% a < 65%
14	Lucidocracia Estabelecida	Teleguiado Autocrítico	Parapolítico Avançado	Colegiado dos Teleguiados Autocríticos	Discernimentocracia Estado das Minipeças do Maximecanismo	65% a < 75%
15	Cosmocracia Inicial	Evoluciólogo	Parapolítico Avançado	Colegiado dos Evoluciólogos	Evoluciocracia Paradireitocracia Cosmoeticocracia	75% a < 90%
16	Cosmocracia Intermediária	<i>Homo sapiens serenissimus</i>	Parapolítico Avançado	Colegiado dos Serenões	Era dos Serenões Serenocracia	90% a < 100%
17	Cosmocracia Avançada	Pré-Consciex Livre	Parapolítico Avançado	Colegiado das Pré-Consciexes Livres	Era Consciencial Era das pré-Consciexes Livres Policarmocracia Pura	100%

9 Regime híbrido é termo técnico da ciência política caracterizando regimes que apresentam, ao mesmo tempo, elementos democráticas e ditatoriais. Estes regimes podem ser considerados pseudodemocracias, visto que procuram criar fachada democrática enquanto utilizam variado arsenal de medidas repressivas a fim de controlar tanto partidos quanto sociedade civil a fim de garantir continuidade no poder.

É importante ressaltar que a democracia direta foi colocada enquanto sinônimo de democracia avançada. Isso tem relação com a problemática da democracia representativa descrita no início deste artigo e que pode começar a ser resolvida através da redução de intermediários ou políticos profissionais e da participação política mais abrangente da população. Uma das principais críticas, entretanto, quando se fala em democracia direta é a questão de como exercê-la em larga escala. Vasconcelos (2016) propôs o modelo intitulado de *democracia pura*, onde a tecnologia é o meio pelo qual cidadãos participam do processo tanto de proposição como de decisão. Neste modelo, cidadãos expressam suas ideias através de um sistema chamado Sistema de Habilitação e Pontuação (SHP), não somente apresentando, mas votando nos projetos que mais os interessam ou que são mais importantes para suas comunidades, considerados a partir dos efeitos esperados para cada um deles. Também há espaço para a consulta direta em forma de plebiscito.

Dentro da Comunidade Conscienciológica, Vieira apresentou o modelo de colegiado, onde há a busca pela diminuição de hierarquias artificialmente construídas para a tomada de decisões e rumos institucionais ou da própria comunidade. Segundo Vieira, “o colegiado é o órgão dirigente cujos membros têm poderes iguais (horizontalidade democrática)” (2013, p. 500). Nessa proposta, portanto, não existem presidentes, secretários, coordenadores gerais ou líderes. Todos os participantes possuem liberdade de expressão real e garantia de terem o mesmo poder de voto de qualquer outro participante.

A democracia pura, horizontal, por meio de colegiado, é entendida neste contexto como um dos elementos fundamentais para se poder construir regimes políticos mais avançados. Nesse sentido, a democracia nunca deixa de ser parte integral de todos os regimes parapolíticos vindouros, ainda que existam outros aspectos constitutivos para que um regime possa ser considerado mais do que apenas político. Ou seja, a democracia pura é necessária, mas não suficiente.

Os três novos tipos de regimes, agora parapolíticos – conscienciocracia, lucidocracia e cosmocracia – são passíveis de existirem quando as pessoas mudarem seus próprios paradigmas, compreendendo e vivenciando a realidade de que são seres que vivem, atuam e evoluem em uma realidade multidimensional. A *conscienciocracia* tem relação com níveis evolutivos que se encontram entre os 25.1% aos >50% da EEC, a *lucidocracia* dos 50% aos >75% e a *cosmocracia* vai dos 75% aos 100% da escala evolutiva. Todos os três grupos são subdivididos em fases que vão desde a inicial, ou quando o regime está ainda se formando e pode ainda regredir ao patamar anterior, até chegar à estabelecida, quando o regime parapolítico já está maduro e a probabilidade de regressão ao regime anterior é próxima de zero. Mais especificamente, regimes parapolíticos, enquanto categoria, tem início quando a média das consciências adstritas a determinado local

passa a estabelecer de modo prático o contato com a multidimensionalidade, seja através de práticas interassistenciais como a prática da *tenepes* e de experiências fora do corpo cada vez mais lúcidas.

Duas conclusões imediatas podem ser tiradas: (1) ainda não é possível ter um regime parapolítico em país algum do mundo; (2) grupos de consciências menos evoluídas não são capazes de sustentar regimes mais avançados.

#### 4. MEDIÇÃO DE REGIMES POLÍTICOS E PARAPOLÍTICOS

Dentro da literatura das ciências sociais existem diversas propostas de como medir regimes políticos e várias instituições – tais quais Polity IV, Freedom House, The Economist Democracy Index, e V-Dem – proveem medições anuais ordenando em um *ranking* praticamente todos os países do mundo.

Tais medições usualmente utilizam indicadores liberais ou conectados a eleições para medir o nível de democracia liberal ou democracia eleitoral. A definição mínima mais aceita para que um país possa ser visto como democrático é quando possui eleições livres e justas, e quando os direitos e liberdades civis são resguardadas e respeitadas pelo Estado.

Tais variáveis podem ser também aplicadas a regimes parapolíticos, mas a medição desses sistemas necessita também de indicadores multidimensionais. Adicionalmente, a descoberta de qual regime ou para-regime é possível em determinado grupo depende de medição dos níveis evolutivos de populações através de instrumentos conscienciométricos utilizados pela própria pessoa. Tal empreendimento em populações maiores – de cidades ou países – torna-se inviável, mas é possível através de avaliações heteroconscienciométricas, muitas vezes baseadas em “conjecturas instruídas”.

Uma digressão aqui é necessária. Eu não considero que uma abordagem linear de qualquer escala evolutiva seja a mais produtiva para qualquer medição. A linearidade pode levar pesquisadores a pensar que, se uma pessoa ou um regime atingiu determinado patamar, todos os outros já foram completamente superados. Porém, a realidade é não linear, características de vários níveis anteriores e até mesmo posteriores podem coexistir. O que importa é a média.

Nessa abordagem não-linear é importante entender quais são as características e atributos necessários em cada um dos patamares evolutivos, para então se obter uma radiografia mais realista. Um modo que pode facilitar esse tipo de medição, é considerar cada nível como possuindo um intervalo de 0 a 100%. Uma pessoa ou um regime pode, desse modo, possuir diferentes percentuais em cada nível, ao final gerando uma média. Uma pessoa pode, na média, apresentar o nível evolutivo de conscienciólogo (entre 40 e 50%), por exemplo, mas ainda possuir lacunas que necessitam ser preenchidas em relação ao patamar de projetor lúcido.

**Tabela 4.** Escala Evolutiva dos Regimes Políticos Aplicada a Caso Hipotético

No.	TIPOLOGIA	PERCENTUAL EM CADA NÍVEL										
01.	Pré-Serenão Vulgar / Isca Inconsciente	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	100%
02.	Tenepessista	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	70%
03.	Projeter Consciente	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	30%
04.	Epicon Lúcido	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	50%
05.	Conscienciólogo	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	70%
06.	Desperto	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	50%
07.	Semiconsciex	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	30%
08.	Teleguiado Autocrítico	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	20%
09.	Evoluciólogo	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	20%
10.	Serenão	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	10%
Média		450/10= 45% – <b>Conscienciólogo</b>										450

Fonte: exemplo hipotético construído pelo autor.

Quanto a regimes e para-regimes, os exemplos abaixo utilizam o Estado Islâmico (EI), a Venezuela e uma instituição hipotética que se fundamenta no paradigma consciencial como breves estudos de caso para que se compreenda a proposta.

O EI é um grupo claramente autoritário. Não existem eleições, direitos humanos são raramente observados, e a justiça é aplicada seguindo o mais severo tipo de lei de *sharia*. Mesmo assim, existem características próprias de outros regimes, especialmente os atributos do totalitarismo, visto que os líderes instalaram um Estado de polícia que vai além de uma ditadura convencional, interferindo na vida privada dos “cidadãos” ao ponto de definir até mesmo vestimentas e cortes de cabelo. Ainda que esta característica seja a que mais chama atenção, o EI possui instituições fracas e muitas vezes incapazes de implementar um regime que segue um único *set* de regras (Filipec and Brtnický 2016). Ou seja, também existem características anômicas, e muitas decisões são puramente arbitrarias.

**Tabela 5.** Escala Evolutiva dos Regimes Políticos Aplicada ao Caso da Estado Islâmico

No.	REGIME	PERCENTUAL DE CADA REGIME										
01.	Anomia	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	
02.	Totalitarismo	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	
03.	Autocracia	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	
04.	Pseudodemocracia											
05.	Democracia Inicial											
06.	Democracia Intermediária											
07.	Democracia Avançada											

Fonte: observação do autor.

Nesse contexto, pode-se hipotetizar que o regime político do EI é uma combinação de três regimes com diferentes pesos. Visto que elementos anômicos e totalitários são importantes atributos, chega-se à conclusão de que a média do regime é menor de que 20%, ou seja, formado e sustentado por consciências (*Homo sapiens*) de menor nível evolutivo possível neste Planeta.

Já o caso da Venezuela mostra claramente porque o regime é considerado híbrido. O País era uma verdadeira *avis rara* dentro da América Latina. Enquanto a maioria dos vizinhos possuíam ditaduras e juntas militares no poder, a Venezuela apresentava uma democracia baseada em dois partidos. Porém, tal realidade mudou depois do ano 2000 e o país se tornou gradativamente um dos principais casos de autocratização, entrando em um processo de regressão em níveis de democracia.

Essas novas transições para a autocracia não são tão facilmente percebidas como eram no passado. Em vez de lançar golpes da noite para o dia como antes, método preferido de tomar o poder revelado nos estudos clássicos sobre o colapso democrático, líderes com tendências ditatoriais em tempos recentes aprenderam que manter uma faceta democrático eleitoral importa internacionalmente. Em um contexto em que a observação eleitoral internacional se tornou a regra, e nomear e humilhar ganharam a instantaneidade de um *tweet*, as eleições são distorcidas em favor de candidatos ou partidos de poder – nunca de modo flagrante ou amador – enquanto outros elementos democráticos são lentamente destruídos de dentro para fora.

Nesses países, o executivo concentra e amplia poder enquanto o judiciário e o legislativo tornam-se gradativamente defasados. Além disso, a oposição descobre que as regras do jogo mudam constantemente – com a redução do acesso à mídia, recursos ou eleitores por seu próprio governo e os cidadãos veem seus direitos civis e políticos diminuindo ou simplesmente desaparecendo. No mundo da autocratização, chefes de Estado tornam-se patronos de sistemas políticos intrincados que recorrem ao clientelismo para comprar votos e a atividades patrimoniais para comprar fidelidade.

Hoje, a Venezuela é, pelo menos, uma combinação de quatro regimes. Até antes de 2018, era um regime híbrido, com eleições não justas e muito menos livres e com violações aos direitos humanos da população. Em 2018, entretanto, Nicolás Maduro foi reeleito em uma eleição considerada ilegítima por grande parte dos países. Hoje, em nível nacional, é uma quase-ditadura, porém vários estados ainda apresentam características pseudodemocráticas, e cidades como Chacao e El Hatillo no estado Miranda e San Cristóbal no estado Táchira ainda exibem características democráticas iniciais e até mesmo intermediárias.



**Tabela 6.** Escala Evolutiva dos Regimes Políticos Aplicada ao Caso da Venezuela

Nº	REGIME	PERCENTUAL DE CADA REGIME									
01	Anomia										
02	Totalitarismo										
03	Autocracia										
04	Pseudodemocracia										
05	Democracia Inicial										
06	Democracia Intermediária										
07	Democracia Avançada										

Fonte: observação do autor.

Nesse contexto, o regime da Venezuela, especialmente após Nicolás Maduro, encontra-se entre os 20% e 25%, ou seja, foi formado e está sendo sustentado por grupo consciências ainda de nível bastante baixo.<sup>10</sup>

Saindo do contexto de países e entrando na conjuntura das instituições conscienciocêntricas (ICs) – aquelas construídas a partir do paradigma consciencial e dedicadas à pesquisa de especialidades da Conscienciologia – tal raciocínio também pode ser feito, especialmente em comunidades intencionais conscienciológicas como a chamada Cognópolis Foz, em Foz do Iguaçu, no sul do Brasil<sup>11</sup>. Processos de distribuição e exercício de poder existem e líderes são eleitos periodicamente, tornando-se representantes não somente de inúmeros voluntários, mas, em alguns casos, de inúmeros moradores. Ulman (2019) analisou os experimentos ligados à democracia direta no bairro Cognópolis, incluindo os chamados Colegiado de Intercooperação e o Conselho dos 500 (os espaços onde cada pessoa tem direito a um voto) e chegou à conclusão de que o nível de democracia é, de fato, alto. Essa obra é seminal porque utiliza *frameworks* da ciência política que são geralmente aplicados a cidades, estados ou países para analisar uma comunidade intencional onde as instituições são formadas por voluntários. Porém, o *framework* utilizado pela autora não levou em consideração todos os possíveis modelos políticos que podem estar ocorrendo em paralelo ou em conjunto.

10 Existem diversos fatores estudados para a tese de doutorado e que afetam essa média, tanto nacionalmente quanto subnacionalmente. O caso da Venezuela foi trazido para mostrar que existem diferenças entre o nível de democracia quando se utiliza uma análise multinível e, analogamente, o mesmo ocorre na Cognópolis Foz. De qualquer modo, o nível de autocracia da Venezuela, hoje, depende muito mais do Chavismo ainda presente no poder há mais de 20 anos.

11 O bairro de Cognópolis foi criado em 2009 e ocupa uma área de 7 milhões de m<sup>2</sup>, dos quais 1,7 milhão de m<sup>2</sup> são ocupados por 24 instituições, entre elas o CEAEC — Centro de Altos Estudos da Conscienciologia. Além disso, tem belas áreas de preservação permanente, onze condomínios residenciais e 35 laboratórios para autopesquisa. Ao todo, mais de 500 moradores vivem hoje na Cognópolis em Foz do Iguaçu (Ano-base: 2021).

**Tabela 7.** Escala Evolutiva dos Regimes Políticos Aplicada a Caso Hipotético de Instituição Conscienciocêntrica

Nº	REGIME	PERCENTUAL DE CADA REGIME									
01	Anomia										
02	Totalitarismo										
03	Autocracia	■									
04	Pseudodemocracia	■	■								
05	Democracia Inicial	■	■								
06	Democracia Intermediária	■	■	■	■	■	■	■	■		
07	Democracia Avançada	■	■	■	■	■	■	■	■		
08	Consciencioracia Inicial	■	■								
09	Consciencioracia Elementar										
10	Consciencioracia Intermediária										
11	Consciencioracia Estabelecida										
12	Lucidocracia Inicial										
13	Lucidocracia Intermediária										
14	Lucidocracia Estabelecida										
15	Cosmocracia Inicial										
16	Cosmocracia Intermediária										
17	Cosmocracia Estabelecida										

Fonte: hipótese construída pelo autor.

No exemplo hipotético acima, pode-se ver claramente que há uma mistura de pelo menos seis regimes políticos, incluindo o início de uma consciencioracia. Os voluntários da instituição tomam decisões baseadas, às vezes, em indicadores multidimensionais, porém na maioria dos casos as decisões são adotadas pelos líderes sem levar em consideração o número total de voluntários, ainda que existam casos em que todos são consultados. Muitas vezes, quando perguntada, a liderança da organização diz que todas as decisões são amplamente democráticas, mas há momentos em que a presidência toma decisões solitariamente, podendo levar a instituição a situações não positivas.

O desenvolvimento de indicadores para distinguir decisões autocráticas e democráticas das consciencioracias e cosmocráticas é tarefa ainda a ser realizada, que contribuirá para qualificar o avanço da transição rumo aos regimes parapolíticos mais avançados.

Mesmo sendo formado por seis regimes, a democracia intermediária é a mais forte, gerando uma média ainda adstrita aos 25% da escala evolutiva, mesmo que os voluntários tenham níveis evolutivos mais altos do que o do próprio regime que eles mesmos construíram e agora sustentam. Não existe paradoxo algum. Regimes parapolíticos ainda são extremamente novos, não há ainda entendimen-

to ou consenso sobre os atributos que fazem parte da estrutura dos mesmos, e de modo geral as pessoas têm a tendência de utilizar aquilo que é mais conhecido e que tem um resultado mais rápido.

De qualquer modo, é necessário compreender mais profundamente a questão de quem possui maior responsabilidade sobre a construção, manutenção e longevidade dos regimes que existem no mundo. Até porque não se poderia afirmar que toda a população presente no EI possui nível evolutivo de 20% ou menos. Através das pesquisas da Conscienciologia, sabe-se que grupos se formam através de afinidades, ainda que inconscientes. Ou seja, em tese, ninguém se encontra em ambientes ditatoriais se não houver conexões grupocármicas entre líder e liderado.

Entretanto, deve-se ajustar os níveis de responsabilização com agravantes e atenuantes pertinentes a cada caso. É lógico propor serem as pessoas mais influentes e que poderiam de fato alterar o curso da história de modo mais incisivo como as mais responsáveis, assim como aqueles que não possuem real ascendência sobre o regime serem menos responsabilizadas. Porém, é bom lembrar que mesmo as pessoas com menor ascendência muitas vezes trabalham em cargos burocráticos ligados diretamente ao governo, implementando políticas e diretrizes governamentais.

Mesmo assim, deve-se evitar homogeneizar o nível de consciencialidade de toda uma grupalidade rotulando populações inteiras, até porque existe consenso entre projetores lúcidos em seus relatos quanto a possíveis renascimentos de Evolucionólogos e *Homines sapiens serenissimi* em ambientes ditatoriais a fim de acelerar, quando possível, o processo de transição à democracia. Entretanto, a hipótese da *Escala Evolutiva dos Regimes Políticos e Parapolíticos* depende da média do nível evolutivo de todo um grupo. Nesse sentido, está se levando em consideração igualmente os piores e melhores “escores,” gerando cifra comum a todos.

A teoria desenvolvida por Mesquita e Smith pode ser aplicada também aos contextos parapolíticos, onde os responsáveis pela formação, manutenção e evolução do regime (para)político são em maior parcela os influentes e essenciais e em menor parte os intercambiáveis. Contudo, na CCCI, os essenciais e influentes são em primeiro lugar os líderes do planejamento grupal, voluntários em posições diversas – sejam administrativas, intelectuais ou parapsíquico-interassistenciais – e votantes em decisões que impactam a comunidade como um todo através de votações diretas.

Teoricamente, o número de pessoas responsáveis é muito maior devido à autoconsciência individual em relação à programação coletiva e devido ao fato de hoje em dia as decisões mais sérias, que afetam a comunidade como um todo, serem tomadas pelo chamado *Colegiado de Intercooperação*, em que cada voluntário tem direito a 1 voto, independente de posição. Em comparação com regimes puramente estatais, existe a diferença clara entre o voluntário lúcido, que

escolheu fazer parte da grupalidade evolutiva sem coações e sem o envolvimento de questões financeiras e salariais, e trabalhadores que muitas vezes preenchem posições governamentais por motivos de subsistência, sem lucidez das possíveis interprisões grupocármicas decorrentes do processo.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a responsabilidade pela criação, sustentação e evolução de possíveis regimes parapolíticos seria de todos os voluntários e não apenas de pequenos grupos ou elites, ainda que os mesmos existam. O contexto mostra que, nesse caso, a média evolutiva geral, simples, contando todos os voluntários já é suficiente para se realizar certas projeções a respeito de possíveis novos regimes.

Em estatística retirada do último censo da CCCI, de 2018, mais de 70% dos voluntários da Conscienciologia são praticantes da tenepes (72,12%). Não há possibilidade de se saber do percentual de tenepessistas na Cognópolis Foz especificamente, mas não é difícil de inferir que a maioria dos cognopolitas são de fato praticantes da técnica. Além disso, não é absurdo afirmar que já existem centenas de voluntários que vivem na Cognópolis Foz e já ultrapassaram o patamar evolutivo da EEC de Tenepessista, especialmente visto que a maioria dos integrantes do Conselho de Epicons, por exemplo, reside na localidade. Nesse sentido, há sérios indicativos de que existe a possibilidade real, hoje, de se começar a instalação de uma conscienciocracia, se o grupo assim desejar.

É crucial ponderar, entretanto, que a média evolutiva dos voluntários somente indica a *possibilidade* de se ter regimes parapolíticos mais avançados. Não significa afirmar ou prever, de modo algum, que tais modelos existirão ou serão bem-sucedidos, pois isso depende de uma multiplicidade de fatores, incluindo primeiramente vontade em instalá-los e também reciclagens profundas relativas à área do poder. Historicamente, a democracia foi exercitada muito pouco quando comparada aos milênios de sociedades tradicionais, patriarcais, monárquicas ou autocráticas. Mesmo com todo o conhecimento teórico e vivência prática em relação à multidimensionalidade que os voluntários da CCCI possuem, mesmo compartilhando princípios avançados, os indivíduos do grupo ainda sofrem grande influência das próprias histórias pessoais, multimilenares.

É, ainda, interessante notar que pode existir, então, descompasso entre o nível evolutivo de um grupo e o tipo de regime vigente justamente pelos motivos acima descritos. Na CCCI, por exemplo, existe apenas uma estrutura institucional que opera aos moldes propostos pela Colegiadologia – o *Colegiado da Conscienciologia*. No atual momento (julho 2021), não existe sequer uma instituição consciocêntrica (IC) que funcione dentro do mesmo modelo, sem diretores ou coordenadores de áreas. Se considerarmos a democracia pura como um dos pilares fundamentais de regimes parapolíticos, esse contexto mostra o quanto o grupo ainda precisará andar para que uma possível conscienciocracia possa ser implantada.

Mesmo se falando de ICs, o que fica evidente através dessa proposta é que qualquer regime político ou sistema social só muda de acordo com a mudança

das pessoas envolvidas na sustentação de tais estruturas. Instituições ou Estados são formados por aglomerados de consciências. Se cada indivíduo não desejar abrir mão da concentração de poder, distribuindo-o em estrutura mais horizontal, uma conscienciocracia não tem como ser iniciada.

Ou seja, em termos puramente pragmáticos, de modo geral, ditaduras não se transformarão da noite para o dia em ambientes democráticos apenas através de intervenções externas, caso as pessoas não vejam valor na mudança ou ainda sejam conservantistas. Igualmente, democracias não se transformarão em conscienciocracias caso não haja de fato investimento em comportamentos individuais que afetem positivamente o grupo.

A mudança de qualquer regime depende, portanto, da autoevolução pessoal afetando positivamente a coletividade, significando o aumento médio e gradativo da aplicação prática de princípios tais quais a cosmoética, a maxifraternidade e o universalismo nas ações pessoais, e depois nas leis, normas, e na conduta diária tanto do governo quanto de cidadãos comuns. A conclusão óbvia é que sem autoconsciência desses fatores e sem a disposição na reeducação de traços autoritários, atrasados, e prejudiciais à evolução coletiva, não se pode esperar mudanças substanciais e duradouras.

Relativamente aos regimes políticos atrasados, pesquisas comprovam que, em média, países com tradição autoritária demoram cerca de cinco décadas para estabelecerem regimes democráticos mais efetivos após a alteração de regime e a substituição de líderes. Tal quantidade de tempo é normalmente relacionada com o período necessário para que instituições democráticas ganhem concretude e as pessoas se acostumem a usufruir das liberdades civis e direitos políticos. Ainda é possível nesse meio tempo, que líderes e grupos ditatoriais retornem ao poder com roupagem diferente, mas com conteúdo semelhante, e os padrões anteriores voltem a se estabelecer. Dentro da visão paradigmática desta proposta, tal fato pode ocorrer devido à tentativa de consciências e grupos em recuperar o poder perdido (Síndrome do Ostracismo)<sup>12</sup>, ou ainda porque a própria média evolutiva geral não consegue sustentar as mudanças almejadas, entre outras possibilidades.

Importa notar, por exemplo, a situação que ocorreu no Egito em 2011, onde após décadas de regime ditatorial capitaneado por Hosni Mubarak, a população efetivamente forçou a derrubada do ditador do governo com o auxílio considerável das forças armadas. Porém, após dois anos e as primeiras eleições livres, o líder Islamista eleito prometeu a implantação da lei de *sharia* e o compromisso pessoal em libertar antigos terroristas presos nos Estados Unidos e responsáveis por atentados criminosos com a morte de centenas de pessoas. Dois fatores que aparentemente não preocupam a população e, ao contrário, são recebidos com satisfação e júbilo.<sup>13</sup>

12 Haymann, Maximiliano. *Síndrome do Ostracismo: Mecanismos e Autossuperação*. Foz do Iguaçu, Brasil: Editares, 2011.

13 Kirkpatrick, David D. *Egypt's New Leader Takes Oath, Promising to Work for Release of Jailed Terrorist*. The New York Times; Jornal; Seção: Middle East; 29 de junho de 2012; Nova York, EUA, p. xx.

O exemplo do Egito é relevante para a reflexão acerca da evolução de regimes políticos, pois pode demonstrar hipoteticamente a possibilidade de a população votante ainda não possuir nível evolutivo médio para selecionar líderes verdadeiramente democráticos e com códigos de ética pessoal mais avançados. Ou seja, os líderes somente refletem o código grupal de (cosmo)ética da sociedade que representam. Ou ainda, é possível que a população tenha sido efetivamente ludibriada com “a plumagem diferenciada dos mesmos pássaros” e terá de sair às ruas mais uma vez a fim de derrubar o mais recente regime. Porém, o simples fato de os cidadãos defenderem seus direitos em público, auxilia na reeducação coletiva, fazendo com que consciências mais recrudescidas compreendam o valor de ideias renovadoras e mais abertas gradativamente.

No campo dos regimes parapolíticos, hipotetiza-se ser possível mudanças menos lentas a partir de certo patamar, pois as consciências envolvidas possuem maior inteligência evolutiva além de ferramental reeducativo de ponta. A comunidade intencional Cognópolis, em Foz do Iguaçu, no Brasil, por ser a mais antiga, pode servir para experimentos fundamentais para o estudo da evolução de regimes parapolíticos e das sociedades transicionais, pois é local inédito no Planeta, onde princípios e valores multidimensionais estão sendo aplicados com maior autoconsciência. Além disso, são os locais onde há a maior interseção cosmoética de grande número de consciências amparadoras extrafísicas,<sup>14</sup> as coevolutoras do avanço das consciências envolvidas e coautoras da programação grupal.

## CONCLUSÃO

Este artigo teve como objetivo apresentar a proposta inicial da escala evolutiva de regimes políticos e parapolíticos a partir da escala evolutiva das consciências. Desse modo, necessita de aprofundamento a partir de debates e contrapropostas.

As principais conclusões sintetizadas através desta pesquisa são:

1. Regimes políticos e parapolíticos são formados e sustentados a partir do nível evolutivo médio das consciências pertencentes a determinado Estado, comunidade ou grupamento, *mas especialmente daqueles possuidores de maior influência na criação e longevidade do sistema.*

2. Quanto mais atrasado for o regime, menos equânime é a distribuição da responsabilidade sobre a sustentação e evolução do próprio regime, ficando adstrito a pequeno número de consciências.

3. Quanto mais evoluído for o regime, mais equanimemente será distribuída a responsabilidade sobre a sustentação e evolução do próprio regime entre as consciências presentes em dada jurisdição.

14 Amparador é a consciência sem corpo físico benfeitora e auxiliadora de consciência humana ou de várias consciências humanas ao mesmo tempo, quando afins ao nível de evolução, notadamente durante as projeções extrafísicas, abrangendo a influência benéfica em toda a vida intrafísica da personalidade e até mesmo durante o estado da vigília física ordinária” (Verbete 927, Amparador Extrafísico).

4. A transição positiva de regime mais atrasado para mais avançado depende da evolução da média da consciencialidade de tais consciências.

5. Na transição de regimes podem existir momentos de regressão ou retrocessos.

6. A transição entre o regime político da democracia para o regime parapolítico da Conscienciocracia poderá ter início quando a média geral das consciências atingir o patamar evolutivo de *tenepessista* (entre 25 e 30% do Serenão) e poderá chegar ao ápice quando a média grupal for de *conscienciólogo* (40% do Serenão).

7. De acordo com estatística do último censo da CCCI, é possível de se afirmar que já existe nível evolutivo grupal médio (tenepessista) suficiente para a instalação de conscienciocracia na Cognópolis Foz, mas o grupo precisaria caminhar mais em relação à distribuição horizontal de poder.

8. A Cognópolis Foz, nesse sentido, pode servir de importante local para a pesquisa e testagem de regimes não convencionais e com base no paradigma consciencial.

O artigo também pretendeu dar início a uma agenda de pesquisa. Nesse sentido, podem ser indicados alguns pontos para abordagem futura, derivados da discussão ora iniciada:

1. Diferenciar e caracterizar a natureza da influência política e da influência parapolítica.

2. Caracterizar cada regime parapolítico, incluindo atributos e indicadores.

3. Relacionar a hipótese do curso grupocármico com a autorresponsabilidade evolutiva das consciências na vinculação com os regimes políticos e parapolíticos.

4. Relacionar a quantidade, profundidade e duração dos retrocessos ao tipo de regime político ou parapolítico, conforme o momento predominante dos influentes na escala evolutiva.

5. Propor indicadores vinculados ao desenvolvimento de cada regime, a fim de mensurar processos de transição desses regimes.

## REFERÊNCIAS

Berman, S. (1997). Civil Society and the Collapse of the Weimar Republic. *World Politics*, 49(3), 401–429. <https://doi.org/10.1353/wp.1997.0008>

Brennan, J. (2017). *Against Democracy: New Preface* (New Preface ed.). Princeton University Press.

Byman, D., & Lind, J. (2010). Pyongyang's Survival Strategy: Tools of Authoritarian Control in North Korea. *International Security*, 35(1), 44–74. [https://doi.org/10.1162/isec\\_a\\_00002](https://doi.org/10.1162/isec_a_00002)

Crain, C. (2019, 9 julho). *The Case Against Democracy*. The New Yorker. <https://www.newyorker.com/magazine/2016/11/07/the-case-against-democracy>

- David. (2012, June 29). Egypt's New Leader Takes Oath, Promising to Work for Release of Jailed Terrorist. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/2012/06/30/world/middle-east/morsi-promises-to-work-for-release-of-omar-abdel-rahman.html>.
- Dawisha, K. (2015). *Putin's Kleptocracy: Who Owns Russia?* (Reprint ed.). Simon & Schuster.
- Estlund, David; Why not Epistocracy?; In Reshotko, N. (2003). *Desire, identity, and existence: Essays in honor of T.M. Penner*. Kelowna: Academic Printing & Publishing.
- Haymann, M. (2016). *Síndrome Del Ostracismo*. Editares.
- Hyde, S. D. (2011). *The Pseudo-Democrat's Dilemma: Why Election Observation Became an International Norm*. Cornell University Press.
- Kelley, J. G. (2012). *Monitoring Democracy: When International Election Observation Works, and Why It Often Fails* (1.<sup>a</sup> ed.). Princeton University Press.
- Lipset, S. M. (1959). *Some Social Requisites of Democracy*. Bobbs-Merrill.
- Lührmann, A., & Lindberg, S. I. (2019). A third wave of autocratization is here: what is new about it? *Democratization*, 26(7), 1095–1113.
- Machado, César de Souza (2003); *Serenões: Consciências Superevoluídas*; <http://www.meta-consciencia.com/>
- Melo, Luciano. (2015). Paratransitologia; verbete; In: Vieira, W. Org.; *Enciclopédia da Conscienciologia*; verbete N. 3.471 apresentado no *Tertuliarium / CEAEC*; Foz do Iguaçu, PR; 06.08.15; disponível em: <[www.tertuliaconscienciologia.org](http://www.tertuliaconscienciologia.org)>
- Melo, Luciano. (2017); Parapoliticologia; verbete; In: Vieira, W. Org.; *Enciclopédia da Conscienciologia*; verbete N. 4.328 apresentado no *Tertuliarium / CEAEC*; Foz do Iguaçu, PR; 12.12.17; disponível em: <[www.tertuliaconscienciologia.org](http://www.tertuliaconscienciologia.org)>
- Minero, Luis (2002). Lucidocracy. *Journal of Conscientiology*, IAC – International Academy of Consciousness, Proceedings of the 3rd International Congress of Projectiology and Conscientiology, 16-19 May, Vol. 4, No. 15 Supplement, p.47
- Mesquita, B. B., & Smith, A. (2012). *The Dictator's Handbook: Why Bad Behavior Is Almost Always Good Politics* (Illustrated ed.). PublicAffairs.
- O'Donnell, G., Schmitter, P. C., Whitehead, L., Arnson, C. J., & Lowenthal, A. F. (1981). *Transitions from Authoritarian Rule: Tentative Conclusions about Uncertain Democracies (English Edition)* (Illustrated ed.). Johns Hopkins University Press.
- Przeworski, A. (1991). *Democracy and the Market: Political and Economic Reforms in Eastern Europe and Latin America*. Cambridge University Press.
- Putnam, R. D. (1995). Bowling Alone: America's Declining Social Capital. *Journal of Democracy*, 6(1), 65–78. <https://doi.org/10.1353/jod.1995.0002>
- Putnam, R. D., Leonardi, R., & Nanetti, R. Y. (1994). *Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy* (Revised ed.). Princeton University Press.
- Schock, K. (2015). *Civil Resistance: Comparative Perspectives on Nonviolent Struggle (Social Movements, Protest and Contention Book 43) (English Edition)*. Univ Of Minnesota Press.
- Simmons, B. A. (2009). *Mobilizing for Human Rights: International Law in Domestic Politics (English Edition)* (Illustrated ed.). Cambridge University Press.



- Ulman, K. (2019). *Democracia: Experimentos no Bairro Cognópolis-Foz*. CRV.
- Vasconcelos, J. (2021). *Democracia Pura* (Ciências Humanas e Sociais ed.). Nobel.
- Vieira, W. (1995). *Era Consciencial; Anais do I Fórum Internacional de Conscienciologia – FIC*. IIPC.
- Vieira, W. (2004). *Homo sapiens reurbanisatus*. Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia-CEAEC.
- Vieira, W. (2013). Colegiadologia. Verbete In: *Dicionário De Argumentos Da Conscienciologia*. Associação Internacional Editares.

**Luciano Melo** é pesquisador da consciência há mais de três décadas. Possui doutorado em Política Comparada pela *American University*, em Washington D.C., EUA, e mestrado em Relações Internacionais pela *City University of New York*, em Nova York, EUA. Foi cofundador do Instituto de Pesquisa da Consciência em 1988 e coordenador geral do CIEC IIPC de 2003 a 2005, ambos em Porto Alegre, Brasil; cofundador e Secretário Geral da Comunicons, de 2005 a 2009. Atualmente é voluntário da Holoteca, da Associação Internacional Editares e parecerista de verbetes ligados à Politicologia na *Encyclossapiens*. Apresentou e publicou diversas pesquisas relativas à Parapoliticologia e Cosmoeticologia bem como verbetes sobre a especialidade para a Enciclopédia da Conscienciologia.

